

Muito do que hoje se discute acerca das literaturas produzidas na África de língua oficial portuguesa e em Portugal parte de uma perspectiva crítica que efetivamente se constitui em diálogo com o projeto analítico da teoria pós-colonial. Se conceitos como identidade, desterritorialização e reterritorialização já foram testados e aplicados ao texto literário de forma exaustiva nos últimos dez anos, resta ainda uma necessidade de se amplificar a percepção das contradições inerentes aos processos de formação das sociedades existentes nesses países e o quanto tal marca se relaciona a uma convivência cultural assinalada pela memória de práticas e valores coloniais, presenças insidiosas que teimam em não se diluir. O objetivo deste número da *Revista Abril* é, portanto, destacar a presença dessa discussão na área dos estudos literários, elencando uma série de artigos que, mesmo destinados, em sua maioria, à análise da produção publicada após a independência de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, partilham a consciência de que o pós-colonialismo não é uma marca temporal, mas sim uma perspectiva teórica que problematiza as relações históricas, sociais, culturais e literárias entre os países envolvidos no processo da colonização, procurando constituir novas formas de análise e compreensão. Assim, muito mais do que congregar ensaios sobre a literatura contemporânea, nossa revista buscou articular abordagens metodológicas que partilham de um mesmo sentido crítico, avançando na recepção de autores para os quais tal problemática é, sempre, pertinente.

Desta forma, o número se abre com dois textos destinados a pensar a produção poética de autores fundamentais na consolidação do processo de autonomia das literaturas de seus países, mas que mantiveram, entretanto, um diálogo auspicioso com a literatura produzida nos Estados Unidos e na Europa: em “Diálogos transatlânticos: africanidade, negritude e construção da identidade”, Deolinda Adão analisa a interlocução estética e ideológica entre a poesia do são-tomense Francisco José Tenreiro e os movimentos da Renascença de Harlem e de Negritude francesa; Simone Pereira Schmidt, por sua vez, busca na poesia da moçambicana Noémia de Sousa suas rotas transatlânticas, destacando não apenas as relações da escritora com a Renascença, mas - e sobretudo - as estratégias de seus textos para enfrentar as inserções da prática colonial sobre o corpo negro feminino. Os demais artigos aqui reunidos tecem um panorama que transita da abordagem d’*As Quybíricas*, de António Quadros, e d’*Os papéis do inglês*, de Ruy Duarte de Carvalho, à análise de romances publicados por Pepetela, João Paulo Borges Coelho e José Eduardo Agualusa. Fechando esse grupo e, de certa forma, ampliando a discussão até aqui empreendida, publicamos um artigo de Bethania Mariani em que, tendo como base o aporte teórico da Análise do Discurso, a autora relaciona ética e política de língua para investigar o discurso político sobre as línguas em Moçambique, comparando a perspectiva do período colonial com a que será estabelecida a partir

da independência do país. Por fim, publicamos uma entrevista de Eduardo Gonzales Moreira ao escritor e crítico português Fernando Venâncio, em que o autor de *Os esquemas de Fradique* reflete sobre seu livro, nos oferecendo um arguto comentário sobre a personagem que, surgida pelas mãos de Eça de Queirós e de alguns de seus companheiros da Geração de 70, torna-se presença viva na contemporaneidade, através da escrita de outros diversos autores.

É ainda importante, para finalizar essa apresentação, expressarmos aqui o agradecimento dos organizadores e da equipe responsável pela *Revista Abril* ao Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, que gentilmente nos cedeu o direito de uso da fotografia *Minas de diamante Luaco (Lunda). Bairro de trabalhadores indígenas. Julho 1927*, de Luíz Carrisso, parte integrante do acervo de imagens da *Missão Botânica Transnatural*. O agradecimento se estende à mestrandia Cíntia Acosta Kütter, cujo empenho possibilitou nosso contato com o referido acervo e a subsequente escolha da fotografia. A imagem recolhida por Carrisso, no início do Estado Novo e em uma época na qual se acreditava na possibilidade de desvelar a natureza do espaço desconhecido e o outro que a ocupava a partir de sua classificação e ordenação, surge aqui apreendida por uma perspectiva crítica de leitura. A *vala*, à direita de imagem, traço a riscar o chão, simples detalhe ali provavelmente posto para informar acerca das técnicas de drenagem usadas para conter a força das chuvas, indicia o quanto a busca por domesticar e sistematizar levada adiante pela empresa colonial diluiu-se em ruptura e desagregação, construindo espaços de separação e isolamento. E nos convida a aprendermos com ela, com a memória marcante de sua presença, para que os erros do passado não se repitam. Os textos literários que se constituem como *corpus* de análise dos artigos presentes nesse número sete da *Revista Abril* também recorrem a essa memória - seja do fato colonial, seja de suas marcas ainda presentes nos dias de hoje - e com ela nos convidam a perceber o que fomos e o que somos, como povo, nação ou grupo. Cabe a nós, como leitores, a opção por aprender com eles.

Ao propor reflexões críticas sobre o Colonial e o Pós-Colonial, a *Revista Abril* pretende manter-se como um espaço aberto ao estudo de obras das literaturas de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, destacando as características próprias de cada sistema literário, mas também investindo nas possibilidades de interlocução, a partir de uma perspectiva comparatista. A vinculação histórica e sócio-política do tema é evidente, mas nossos leitores encontrarão aqui, com certeza, artigos em que análise do texto literário, como matéria de escrita, é também um foco fundamental, incontornável, poderíamos dizer; um foco sempre presente nas investigações desenvolvidas no Núcleo de Estudos que dá origem a essa publicação.

Niterói, novembro de 2011.

*Renata Flavia da Silva*

*Silvio Renato Jorge*

Organizadores